



Universidade da Beira Interior
Seminário de Investigação

**IMAGEM-SENSAÇÃO EM *O CAVALO DE TURIM*
qual é a função do vento, enquanto recurso estilístico**

Tomás Marcelino Camacho Costa Geraldo

Mestrado em Cinema

2024

RESUMO

Este artigo analisa a importância do vento no filme *O Cavalo de Turim* (2011), de Béla Tarr, mostrando como ele vai além de ser um elemento natural e se torna fundamental para a narrativa e atmosfera do filme. A questão principal é: “Qual é a função do vento, enquanto recurso estilístico, em *O Cavalo de Turim*?”. O texto explora como o som e os efeitos do vento representam a passagem do tempo, a vulnerabilidade das personagens e o confronto com forças incontrolláveis.

O objetivo é entender como o vento contribui para criar a sensação de tensão e isolamento no filme, relacionando o design sonoro e os planos longos à experiência das personagens. A investigação baseia-se na análise de cenas e da relação entre o vento, o espaço físico e os protagonistas. A principal conclusão é que o vento ajuda a reforçar o tema da impotência humana face ao ambiente. No entanto, o estudo não aborda outras simbologias visuais importantes, o que poderia aprofundar a análise.

Palavras-chave:

Vento; *O Cavalo de Turim*; Imagem-Sensação; Declínio Existencial; Fragilidade Humana

ABSTRACT

This article analyses the importance of the wind in Béla Tarr's film *The Turin Horse* (2011), showing how it goes beyond being a natural element to become fundamental to the film's narrative and atmosphere. The main question is: "What is the function of the wind as a stylistic resource in *The Turin Horse*?". The text explores how the sound and effects of wind represent the passage of time, the characters' vulnerability, and their confrontation with uncontrollable forces.

The goal is to understand how wind contributes to creating a sense of tension and isolation in the film, relating sound design and long takes to the characters' experience. The investigation is based on the analysis of scenes and the relationship between wind, physical space and the protagonists. The main conclusion is that wind helps reinforce the theme of human weakness when facing the environment. However, the study does not address other important visual symbolisms, which could deepen the analysis.

Keywords:

Wind; *The Turin Horse*; Image-Sensation; Existential Decline; Human Fragility

INTRODUÇÃO

Neste artigo, temos como objetivo mostrar que o vento, em *O Cavalo de Turim* (2011), de Béla Tarr, ultrapassa o papel de elemento ambiental para se tornar uma força sensorial. Esta questão ressurgiu-nos recentemente, após revistarmos o filme, não conseguindo explicar o que havíamos experienciado. Discutiremos como o vento, enquanto imagem-sensação, expressa o declínio existencial das personagens e reflete questões sobre a fragilidade humana face às forças da natureza e do tempo.

São consideradas as seguintes hipóteses: A imagem-sensação, como apresentada por Deleuze, é dominante em todo o filme; A presença do vento neste, e em outros filmes, é usada como imagem-sensação que cria o tom dominante da obra; A intensidade do vento, neste e em outros filmes, recria, só por si, uma imagem-sensação que pode não ser unicamente visual; O vento cria, no espectador, uma experiência sensorial intensa; O vento é usado como símbolo do declínio existencial.

Questionamo-nos acerca da possibilidade de o vento atuar como um agente que transcende o físico, simbolizando a passagem do tempo e a erosão do espírito humano. A nossa intenção é sublinhar a centralidade do vento na criação de um espaço fílmico onde a repetição, a estagnação e o movimento coexistem de forma paradoxal. Para tal, o presente artigo analisa como Béla Tarr, em diálogo com outros realizadores como Andrei Tarkovski e Akira Kurosawa, utiliza o vento como um instrumento narrativo e estético que provoca esta reflexão sobre a condição humana.

O artigo está estruturado em cinco secções principais. Em primeiro lugar, apresentamos a construção do vento como uma imagem-sensação no cinema de Béla Tarr, com referência ao impacto sensorial na experiência do espectador. Seguidamente, discutiremos o papel simbólico do vento em Tarkovski e Kurosawa, oferecendo um panorama comparativo. Posteriormente, abordamos como o vento, em *O Cavalo de Turim*, intensifica a narrativa do declínio existencial. A quarta secção explora o design sonoro e a representação visual do vento, sublinhando o seu impacto psicológico e estético. Por fim, refletimos sobre a relação entre o vento e as personagens, culminando numa conclusão que sintetiza as principais ideias.

1. IMAGEM-SENSAÇÃO EM DELEUZE

A imagem-sensação é um conceito central na obra do filósofo, francês, Gilles Deleuze, tendo sido desenvolvido principalmente em *Francis Bacon: A Lógica da Sensação* (1981).

Trata-se de uma abordagem desenvolvida para auxiliar no entendimento da arte em que a experiência estética ocorre como um impacto direto no corpo e nos sentidos, antecedendo qualquer processo de interpretação ou significação. A sensação é vista como a forma primordial como nos relacionamos com a arte.

Nas palavras de Nuno Carvalho: “A imagem-sensação distingue-se da imagem-significação, uma vez que não se oferece a um trabalho de interpretação que tentasse restituir um fio narrativo ou desvelar um sentido oculto, mas apresenta como pura evidência e fulguração do sensível.” (Nuno Carvalho, 2007, p. 69)

1.1. Surgimento da imagem-sensação

O conceito de imagem-sensação surge no contexto da filosofia da arte do século XX, quando tanto artistas como filósofos procuravam o rompimento das tradições clássicas de representação.

Ao longo da história, a arte ocidental encontra-se profundamente conectada à *mimese*, ou seja, à ideia de imitar e representar o real de forma fiel. Desde as pinturas renascentistas, até ao realismo do século XIX, a representação de cenas históricas e retratos estava focada na criação de uma ilusão de realidade, por exemplo a pintura de 1857, *As Respigadoras*¹, de Jean-François Millet. (imagem 1)



Imagem 1: *As respigadoras* (Millet, 1857)
Imagem retirada de Vírus da Arte
(www.virusdaarte.net). Site consultado a 20 de dezembro de 2024.

¹ Tradução do autor. Original: *Des glaneuses*

Todavia, movimentos como o modernismo e as vanguardas artísticas do século XX procuraram ir contra essa norma, propondo novas formas de expressão que enfatizavam a materialidade da arte. Os pintores começaram a explorar as possibilidades da cor, da forma e da textura com meios de transmitir emoções e intensidades diretamente, sem recorrer à representação figurativa. Foi neste contexto que o pintor, britânico, Francis Bacon se destacou. As suas pinturas aparentam capturar forças invisíveis – medo, dor, deslumbramento – de uma forma quase que tátil.

“[...] o que interessa em Bacon não é exatamente o movimento, embora a sua pintura torne o movimento intenso e violento. Mas, no limite, é um movimento no mesmo lugar, um espasmo, que testemunha outro problema próprio de Bacon: a ação das forças invisíveis sobre os corpos.”² (Deleuze, 1981, p.22)

Foi ao estudar Bacon que, Deleuze compreendeu que a pintura não tinha como princípio narrar ou simbolizar algo. Ao invés, ela “sacode” o espectador por meio de sensações puras, alcançando-o num nível pré-reflexivo. Neste sentido, a imagem de Bacon não representa; ela cria sensações que ressoam no corpo. O grito de uma figura deformada não é um símbolo ou representação de algo, mas sim a sensação do grito em si. Deleuze afirma que Bacon pinta a força. (imagem 2)

“A pintura propõe-se a destacar diretamente a presença da representação, para além da representação. O sistema das cores é ele mesmo um sistema de ação direta sobre o sistema nervoso. Não é uma histeria do pintor, é uma histeria da pintura”³ (Deleuze, 1981, p.22)

² Tradução do autor. Original: “[...] what matters in Bacon is not exactly movement, although his painting makes movement intense and violent. But ultimately, it is a movement in the same place, a spasm, which bears witness to another issue inherent to Bacon: the action of invisible forces on bodies.”

³ Tradução do autor. Original: "Painting seeks to directly emphasize the presence of representation, beyond representation. The system of colors is itself a system of direct action on the nervous system. It is not the painter's hysteria; it is the hysteria of painting."



Imagem 2: Study for a Head (Francis Bacon, 1952). Imagem retirada do Francis Bacon Estate (www.francis-bacon.com). Site consultado a 21 de dezembro de 2024.

Acreditamos que este impacto direto esteja conectado com a maneira como o cérebro e o corpo humano processam sensações. Antes de começarmos a refletir sobre algo – antes mesmo de serem colocadas palavras nas nossas experiências –, somos afetados sensorialmente.

1.2. A imagem-sensação no contexto ampliado

Embora o conceito de imagem-sensação tenha sido inicialmente desenvolvido por Deleuze para descrever a pintura de Francis Bacon, ele possui uma flexibilidade que permite a sua aplicação noutras formas de arte, particularmente no cinema.

No contexto cinematográfico, a imagem-sensação pode ser vista como uma forma de traduzir uma experiência sensorial e emocional direta, sem que o espectador precise recorrer à interpretação intelectual ou simbólica. Em vez de se focar em representar eventos ou histórias de maneira convencional, o cinema, com base na imagem-sensação, busca provocar no espectador um impacto visceral, ativando os sentidos e as emoções de forma direta. No cinema, assim como na pintura de Bacon, o objetivo não é representar ou narrar um evento de maneira convencional, mas criar uma experiência sensorial que ressoe no corpo do espectador, envolvendo-o de forma intensa. Um elemento que exemplifica essa abordagem é o vento, que, como elemento sensorial, pode ser trabalhado no cinema de maneiras que transmitem sensações de

movimento, isolamento ou até mesmo desolação, sem que uma palavra ou ação explícita precise ser dita.

2. O CAVALO DE TURIM

O Cavalo de Turim é um filme de 2011, co-realizado por Béla Tarr e Ágnes Hranizky, que explora temas como a condição humana, a finitude, e a inexorabilidade da decadência. Inspirado por um episódio da vida do filósofo Friedrich Nietzsche, o filme parte de uma cena histórica: em 1889, em Turim, Nietzsche teria abraçado um cavalo que estava a ser brutalmente espancado, num gesto de empatia que prenunciava o colapso mental que sofreria nos anos seguintes. Béla Tarr, no entanto, não se concentra na figura de Nietzsche, mas na pergunta: "E o cavalo? O que aconteceu depois?"

“O conceito do filme é simples: queríamos explorar a questão do que aconteceu ao cavalo após este incidente. E, embora o filme não seja sobre Friedrich Nietzsche, o espírito do incidente paira sobre o filme como uma sombra.” (Béla Tarr numa entrevista para o EEFB ‘East European Film Bulletin’)⁴

Este filme coloca-nos em contacto direto com a realidade do sofrimento humano e com a decadência existencial, duas questões que permeiam as mais diversas expressões artísticas. Ao longo das suas duas horas e meia de duração, a obra assume um ritmo deliberadamente lento, e o foco não está na narrativa convencional ou nos diálogos, mas em criar uma atmosfera sensorial onde o espectador é invadido por uma série de sentimentos intensos.

“A câmara é um observador que capta a atmosfera de um momento e reage à vida. Não quero transmitir uma mensagem ao público; quero mostrar aos espectadores a minha visão do mundo. A câmara tem um ponto de vista objetivo, só consigo mostrar-vos a realidade. O cinema não é como a literatura: mostra apenas o que está diante da lente. Não se pode fingir.” (Béla Tarr numa entrevista para o EEFB ‘East European Film Bulletin’)⁵

⁴ Tradução do autor. No original: “The concept of the film is simple: we wanted to follow the question what happened to the horse after this incident. And although the film itself is not about Friedrich Nietzsche, the spirit of the incident lies over the film like a shadow.”

⁵ Tradução do autor. No original: “The camera is an observer that captures the atmosphere of a moment and reacts to life. I don’t want to give the audience a message, I want to show viewers my image of the world. The camera has an objective point of view, I can only show you reality. Cinema is not like literature: it shows you only what is in front of the lense. You can’t fake it.”

2.1. A Imagem-Sensação em *O Cavalo de Turim*

Como vimos anteriormente, a imagem-sensação é, como descreve Nuno Carvalho na sua tese de mestrado em Filosofia, uma imagem-choque, aquilo que age diretamente sobre o sistema nervoso dos espectadores.

Em *O Cavalo de Turim*, a imagem-sensação é utilizada como um recurso central para envolver o espectador numa experiência estética direta. O filme não se preocupa em transmitir uma mensagem clara ou em representar uma história de forma tradicional, o que descreve bem a filmografia de Béla Tarr, mas procura provocar uma sensação de impotência, de angústia e de fatalidade que é sentida fisicamente por quem o assiste. O filme é marcado por uma estética minimalista e por longos planos, que intensificam a percepção sensorial da obra, afastando o espectador da lógica convencional de narrativa. Neste sentido, o vento torna-se um dos principais elementos que ajudam a criar essa sensação, uma presença constante que não é vista diretamente, mas que é sentida no corpo através da combinação do som e da imagem. Por exemplo, na cena em que o velho cocheiro vai buscar água ao poço, encontrando-o vazio. O vento é visível no pó que se levanta do chão, nas roupas, que agitam incessantemente, e nos ramos das árvores secas, que balançam. O som do vento é amplificado, preenchendo quase todo o espaço sonoro, com poucos outros ruídos, como o ranger das roupas e o som dos passos na terra seca. O silêncio da ausência de água no poço contrasta com o rugido do vento, intensificando o sentimento de angústia. (imagem 3). Como András Bálint Kovacs diz na página 146 do livro, *The Cinema of Béla Tarr*: “Durante o tempo todo, um vento constante e extremamente forte sopra lá fora, o que significa que tudo aquilo que eles façam no exterior exige um esforço adicional⁶.”

⁶ Tradução do autor. Original: “During the whole time a constant and extremely strong wind blows outside, which means everything they do outdoors requires extra effort”



Imagem 3: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011) Imagem retirada nos minutos: ‘01:41:47’

2.2. O Vento, no cinema, como Imagem-Sensação

Ao contrário de muitos filmes onde o vento pode ser visto, e é, como um simples elemento do ambiente, em *O Cavalo de Turim* ele adquire um caráter simbólico e sensorial muito mais profundo. Béla Tarr usa o vento como uma das principais ferramentas para criar uma atmosfera sensorial que invade o espectador. O vento não é apenas algo físico que movimenta as folhas ou as roupas das personagens, mas é uma presença constante que penetra no corpo do espectador.

Outros realizadores, como Andrei Tarkovski e Akira Kurosawa também trabalham o vento como imagem-sensação.

2.2.1. O Vento em Tarkovski

Nos filmes de Andrei Tarkovski, o vento é utilizado de forma simbólica e sensorial. Em *Stalker* (1979), por exemplo, o vento surge como uma presença constante, misturando-se com os outros elementos naturais o que nos parece criar uma atmosfera que oscila entre a verdade e o mistério. O vento parece simbolizar a transformação ou mudança interior dos personagens, atuando, quase, como uma força espiritual que move as suas almas.

Tarkovsky utiliza o vento como uma forma de comunicar estados interiores, sem recorrer ao discurso verbal, refletindo o vazio, a busca e o confronto com o desconhecido.

As longas cenas de silêncio acompanhadas pelo som do vento criam uma sensação de presença inescapável, como se o vento representasse a transitoriedade e a imprevisibilidade da vida humana. Por exemplo, a chegada dos personagens à “zona”. (imagem 4)



Imagem 4: *Stalker* (Andrei Tarkovsky, 1954) Imagem retirada nos minutos: ‘01:00:11’

2.2.2. O Vento em Akira Kurosawa

No filme *Os Sete Samurais* (1954), o vento não nos parece ser meramente uma característica do cenário natural, mas mais um instrumento narrativo que reflete a transitoriedade da vida e a incerteza dos destinos humanos.

Em *Os Sete Samurais*, o vento surge como uma metáfora para a força imprevisível e a mudança constante. Na cena onde os samurais e os camponeses discutem estratégias e treinam para a batalha, o vento é usado como uma faixa base. O movimento das plantas e o som do vento criam uma atmosfera de tensão crescente, marcando a união dos dois grupos. (imagem 5)



Imagem 5: *Os Sete Samurais* (Akira Kurosawa, 1954) Imagem retirada nos minutos: ‘01:31:56’

3. DECLÍNIO EXISTENCIAL PRESENTE EM *O CAVALO DE TURIM*

O Cavalo de Turim apresenta um mundo que parece à beira do colapso, onde cada elemento narrativo e visual aponta para o declínio inevitável da existência. A vida dos protagonistas – um velho cocheiro, a sua filha e o cavalo – é marcada por uma rotina dura, que se torna progressivamente mais insustentável.

Este declínio não é apenas físico, mas também espiritual. O cocheiro e a filha não mostram sinais de esperança ou ligação emocional; a comunicação entre ambos é mínima, limitada a gestos e breves trocas de palavras. O ambiente que os rodeia, desprovido de qualquer sinal de vida além deles e do cavalo, parece refletir a sua própria alienação e o vazio existencial que carregam.

O design sonoro desempenha um papel crucial na amplificação deste declínio.

Ao mesmo tempo, o contraste entre o movimento incessante do vento e a imobilidade quase sufocante das personagens e do cavalo intensifica ainda mais esta experiência sensorial. O vento está sempre em fluxo, dinâmico e impulsivo, enquanto a vida dos protagonistas parece estagnada, presa num ciclo repetitivo de desgaste e rotina.

3.1. O Som do Vento

Na nossa opinião, o design sonoro presente em *O Cavalo de Turim* é uma das ferramentas mais poderosas utilizadas por Béla Tarr para imergir o espectador no universo do filme. O vento, apresentado como um som contínuo e quase onnipresente, desempenha um papel central na construção da atmosfera. Desde os primeiros momentos, ele emerge como uma força ameaçadora, ora em rajadas que parecem querer destruir tudo à sua passagem, ora num sussurro persistente que invade o espaço físico e psicológico das personagens, configurando-se como um símbolo de forças inescapáveis que transcendem o humano.

Este som incessante reforça a hostilidade da paisagem desolada e contribui para a sensação de isolamento das personagens. A presença sonora do vento cria uma tensão que nunca é totalmente aliviada, mantendo o espectador num estado constante de desconforto. Cada rajada contra as paredes da cabana parece colocar em causa a sua capacidade de proteger as personagens, tornando a casa menos um refúgio e mais um local temporário que resiste, a custo, a forças muito maiores do que as que as personagens podem controlar.

O impacto psicológico do som do vento é marcado pelo contraste com os silêncios e os sons do quotidiano das personagens, como o estalar da madeira do fogão ou o ranger das portas. Estes pequenos sons tornam-se ainda mais intensos no contexto da onnipresença do vento, destacando a vulnerabilidade das personagens perante a imensidão da natureza que as rodeia. A sua fragilidade é enfatizada pelo som contínuo que invade os momentos mais íntimos, sugerindo que o declínio e a ameaça estão sempre presentes, mesmo nos instantes de aparente calma.

“Nós só queríamos mostrar algo sobre o poder da natureza. Desde *Damnation* (itálico nosso) que tenho refletido sobre as seguintes questões: qual é o poder da humanidade, qual é o poder da natureza e onde é que nós nos inserimos, porque somos parte da natureza.”⁷ (Béla Tarr, entrevista para o Edinburgh Film Festival, 2011)

⁷ Tradução do autor. Original: “we just wanted to show you something about the power of nature. Since the *Damnation*, I’ve always thought about the questions: what is the power of humanity, what is the power of nature, and where we are, because we are part of the nature”

Ainda acrescentamos a ideia do vento como um agente de temporalidade. A sua imutabilidade pode-nos lembrar da passagem inevitável do tempo, como se cada rajada fosse um marcador de desgaste, tanto físico quanto emocional.

3.2. A Imagem do Vento

Visualmente, o vento em *O Cavalo de Turim* é nos apresentado pelos seus efeitos no mundo físico, destacando-se como uma presença invisível que se manifesta de forma tangível. Conseguimos perceber a sua presença no movimento das árvores, que se curvam e estremecem sob a sua força, no pó que atravessa os campos áridos e parece invadir cada recanto, e nas roupas e cabelos das personagens, constantemente submetidos ao seu fluxo incessante. (imagem 6)



Imagem 6: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011) Imagem retirada nos minutos: ‘11:53’

A nosso ver, a escolha de Béla Tarr, na utilização de planos longos e contemplativos torna-se crucial para capturar esta interação entre o vento e o espaço. Os movimentos lentos da câmara, combinados com a duração prolongada das cenas, permitem-nos absorver os detalhes do ambiente e compreender o impacto que o vento exerce sobre ele.

A paisagem vazia, marcada pela aridez dos campos e pela ausência de vida vibrante, ganha uma presença dinâmica através do vento. Ele transforma o cenário num espaço que parece estar em constante movimento, mas que, paradoxalmente, transmite uma sensação de estagnação. O pó, que atravessa o ecrã, e a vegetação, que resiste ao fluxo do vento, reforçam a ideia de um ambiente hostil, que não só é inóspito, mas que também simboliza o esgotamento e a finitude. (imagem 7)



Imagem 7: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011) Imagem retirada nos minutos: 01:29:08'

3.3. A Intensidade do Vento

A intensidade do vento em *O Cavalo de Turim* é cuidadosamente modulada ao longo do filme. Nos momentos em que sopra com maior força, o vento parece esmagar não só as personagens, mas também o espectador, reforçando a ideia de um mundo hostil e da fragilidade das figuras humanas que tentam subsistir nele. Este efeito não se limita a uma dimensão visual ou sonora, mas envolve também o espectador, como que se o peso desta força natural fosse também partilhado por quem assiste.

Por outro lado, quando a intensidade do vento diminui, parece permanecer ainda assim um certo desconforto. Nós calculamos que, esta permanência do desconforto serve como um lembrete para o facto de que a ameaça nunca desaparece completamente. Mesmo na aparente calma, o vento permanece como uma presença

latente, uma força invisível que ronda o ambiente e mantém o espectador numa constante tensão psicológica.

Esta variação na intensidade do vento atua como um marcador emocional que reflete e amplifica os estados de espírito das personagens. Nos momentos em que o vento se torna mais violento, é como se ele externalizasse a angústia e o desespero internos dos protagonistas, traduzindo em movimento e som aquilo que, no plano humano, é vivido de forma silenciosa e resignada.

Ao mesmo tempo, a constância do vento, mesmo nos seus momentos menos intensos, cria um pano de fundo sensorial que nunca permite ao espectador escapar à sensação de desgaste. A repetição do som e do movimento do vento espelha a rotina cíclica e exaustiva das personagens.

3.4. Relação com as Personagens

O velho cocheiro e a sua filha vivem num isolamento quase absoluto, presos num ciclo rotineiro e desgastante, onde cada ação – acender o fogão, buscar água ao poço, alimentar o cavalo – parece desprovida de significado ou de qualquer impacto duradouro. Este quotidiano repetitivo é emoldurado pela presença constante do vento.

Na nossa percepção, esta ligação entre o vento e o estado de espírito das personagens torna-se evidente na forma como ele amplifica a sensação de impotência e sujeição. Ele representa as forças invisíveis e incontornáveis que regem o universo – forças contra as quais o esforço humano parece sempre inútil. Esta relação é particularmente evidente nas sequências em que a filha enfrenta diretamente a força do vento, como quando caminha em direção ao poço. A sua postura desafiante e a resistência determinada são anuladas pela indiferença do vento, que continua a soprar, inalterável, indiferente aos esforços e intenções humanas. (imagem 8)



Imagem 8: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011) Imagem retirada nos minutos: '01:14:40'

O cavalo funciona como um espelho para o declínio físico e emocional das personagens humanas. O animal, que se recusa a comer ou a trabalhar, parece estar igualmente derrotado pelas condições adversas que o rodeiam. Assim como o vento desgasta lentamente o ambiente e reforça a hostilidade da paisagem, ele parece também consumir a vitalidade do cavalo, transformando-o numa figura que simboliza a derrota perante a imensidão das forças naturais. (imagem 9)



imagem 9: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011). Imagem retirada nos minutos: '01:49:09'

3.5. O Vento como Símbolo de Declínio Existencial

A ligação entre o vento e o declínio existencial é evidente na forma como ele contrasta com a estagnação das vidas das personagens. Enquanto o vento está em constante movimento, impelindo o mundo físico ao seu redor, as personagens encontram-se presas num ciclo repetitivo e sem propósito. As suas rotinas diárias são uma tentativa desesperada de manter algum sentido de ordem num mundo que está a desmoronar. Porém, estas ações são fúteis perante a força implacável do vento, que parece consumir tudo o que toca, incluindo a vontade e a resistência humana.

Ao mesmo tempo, o vento funciona como uma metáfora para a passagem do tempo e para o desgaste inevitável que ela acarreta. Assim como o vento desgasta a paisagem desolada, desloca poeira e desafia a estabilidade da cabana, o tempo corrói as personagens de forma irreversível, tanto física como emocionalmente. Este simbolismo é particularmente evidente na relação entre o vento e o ambiente: a cabana, que deveria ser um refúgio, é constantemente abalada pelas rajadas, refletindo a vulnerabilidade das personagens face às forças externas. O vento, ao insistir em penetrar este espaço supostamente seguro, desafia a ilusão de proteção e reforça a sensação de que tudo é transitório e efêmero. (imagem 10)



Imagem 10: *O Cavalo de Turim* (Béla Tarr, 2011) Imagem retirada nos minutos: '12:25'

Tarr utiliza o vento para dar voz a uma das questões mais fundamentais do filme: como resistir à erosão do tempo e à força implacável do declínio? A resposta, tal

como o vento, permanece invisível, mas sente-se em cada rajada, em cada silêncio e no vazio que sobra.

CONCLUSÃO

A discussão que aqui concluímos ofereceu uma visão geral da centralidade do vento em *O Cavalo de Turim* de Béla Tarr, evidenciando como este elemento transcende o seu papel ambiental para assumir uma dimensão simbólica, sensorial e narrativa. O vento, tal como demonstrámos, não é apenas um fenómeno natural, mas uma força que reflete a fragilidade humana perante o inexorável declínio existencial.

Através da análise das hipóteses apresentadas, verificámos que o vento opera em múltiplos níveis no filme: como um marcador da passagem do tempo, um símbolo da erosão espiritual e uma força que amplifica a tensão entre o movimento constante da natureza e a estagnação das personagens. Este contraste sublinha a impotência do humano face a forças externas incontrolláveis, reforçando a narrativa de um mundo em desintegração.

Este filme está repleto de simbologias, não só no vento, como nos terrenos, na arquitetura, na cor, coisas que nós gostaríamos certamente de abordar futuramente. Gostaríamos também de fazer, ou ver feito, abordagens mais detalhadas, a nível da imagem-sensação aos filmes que apresentámos neste trabalho como meio de comparação para *O Cavalo de Turim*. (*Stalker*, de Andrei Tarkovski e *Os Sete Samurais*, de Akira Kurosawa)

REFERÊNCIAS

FILMOGRAFIA

minutagem (2011). Béla Tarr: Húngria;

Stalker (1979). Andrei Tarkovsky: União Soviética;

Os Sete Samurais (1954). Akira Kurosawa: Japão.

BIBLIOGRAFIA

Deleuze, Gilles (2003). *Francis Bacon: the logic of sensation*. Londres: Continuum International Publishing Group (Edição original de 1981);

Carvalho, Nuno (2007). *A Imagem-Sensação: Deleuze e a Pintura*. Lisboa: Universidade de Lisboa;

Kovac, András (2013). “*Metaphorical Narration*”. Em: *The Cinema of Béla Tarr*. Nova Iorque: Columbia University Press;

Matos, Rui (2015). *Natureza e Eminência no Cinema de Andrei Tarkovsky*. Lisboa: Universidade Lusófona;

Entrevistas

Kuzma, Konstanty (2011). *Béla Tarr on The Turin Horse*. Paris: East European Film Bulletin;

Sélavy, Virginie (2012). *The Turim Horse: Interview with Béla Tarr*. Londres: Electric Sheep Magazine;

WEBGRAFIA

Dias Carvalho, Lu (2017). “*Millet – As Respigadoras*” em VÍRUS DA ARTE & CIA

[Millet – AS RESPIGADORAS - VÍRUS DA ARTE & CIA - Lu Dias Carvalho](#)

The State of Francis Bacon (2018). *STUDY FOR A HEAD*

Study for a Head | Francis Bacon